



Texto enviado em  
30.09.2019  
e aprovado em  
18.11.2019

V. 9 - N. 19 - 2019

\*Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atualmente, é bolsista do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES, realizando sua pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), atuando como Professor Colaborador. É professor do curso de teologia do Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). Contato: danielrochabh@yahoo.com.br

## There's a new world coming: o dispensacionalismo pop nos quadrinhos

There's a new world coming: the pop  
dispensationalism in the comic books

Daniel Rocha\*

### RESUMO:

O dispensacionalismo é uma perspectiva escatológica atribuída a John Nelson Darby e que ganhou popularidade nos Estados Unidos a partir da segunda metade do século XIX. Apesar do sucesso nos círculos conservadores que vinha desde o século XIX, foi na década de 1970 que o dispensacionalismo popularizou-se e suas crenças características, como o Arrebatamento dos crentes precedendo a Segunda Vinda de Jesus Cristo, tornaram-se conhecidas do grande público. O principal responsável por tal popularização foi o livro *The Late Great Planet Earth* de Hal Lindsey, lançado em 1970. O livro foi um sucesso absoluto de vendas e impulsionou uma indústria de publicações inspiradas pela perspectiva dispensacionalista. O dispensacionalismo *pop* se disseminou através de vários livros que buscavam interpretar o contexto geopolítico da época em uma chave dispensacionalista, mas também por meio de livros de “ficção apocalíptica”, de músicas, de filmes, de documentários e, também, de revistas em quadrinhos. Neste artigo analisaremos a revista *There's a New World Coming*, publicada em 1974 e que levou para os quadrinhos a perspectiva de Hal Lindsey sobre o fim dos tempos.

**Palavras-chave:** Escatologia. Dispensacionalismo. Hal Lindsey. Fundamentalismo.

## ABSTRACT:

Dispensationalism is an eschatological perspective ascribed to John Nelson Darby, which gained popularity in the United States from the second half of the nineteenth century. Despite the success in conservative circles dating back to the nineteenth century, it was in the 1970s that dispensationalism became popular, and its characteristic beliefs, such as the Rapture of believers preceding the Second Coming of Jesus Christ, became known to the general public. Mainly responsible for such popularization was Hal Lindsey's *The Late Great Planet Earth*, released in 1970. The book was an absolute bestseller and spurred a publishing industry inspired by the dispensationalist perspective. Pop dispensationalism spread through several books that sought to interpret the geopolitical context of the time in a dispensational key, but also through books of "apocalyptic fiction", music, movies, documentaries, and comic books. In this article, we will examine the comic book *There's a New World Coming*, published in 1974, which brought Hal Lindsey's perspective on the end of time to the comic books.

**Key words:** Eschatology. Dispensationalism. Hal Lindsey. Fundamentalism.

## Introdução

O dispensacionalismo é um método de interpretar a Bíblia atribuído a John Nelson Darby (1800-1882), um pastor anglicano que deixou a Igreja da Irlanda, tornando-se um dos líderes do movimento "a-denominacional" conhecido como Plymouth Brethren. Segundo os adeptos do pensamento de Darby, a Bíblia anuncia uma perspectiva de história dividida em sete eras ou "dispensações" – daí serem chamados de dispensacionalistas – e, em cada uma delas, Deus apresentaria um diferente plano de salvação e, em todas elas, o homem falharia, havendo nova crise e nova intervenção divina na história humana.

C. I. Scofield (1967, p. 5), o principal divulgador das crenças dispensacionalistas nos Estados Unidos no início do século XX, afirmava que "uma dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é testado em relação à sua obediência a alguma

revelação específica da vontade de Deus”.<sup>1</sup> As dispensações, ou as diferentes formas como Deus teria lidado com a humanidade ao longo do tempo, seriam as seguintes: 1) a “Inocência”, que terminaria com a Queda e a expulsão de Adão e Eva do Paraíso; 2) a “Consciência”, que se findaria com o Dilúvio; 3) “O Governo Humano”, que seria encerrado em Babel; 4) a “Promessa”, que acabaria na escravidão no Egito; 5) a “Lei”, que terminaria com a rejeição e crucificação de Cristo; 6) a “Graça” ou “Período da Igreja”, que se encerraria como governo do Anticristo durante a Tribulação, a Batalha do Armagedom e a Segunda Vinda de Cristo; e, por fim 7) o “Milênio”, no qual Cristo reinaria pessoalmente na Terra junto aos seus santos. Após os mil anos, Satanás iniciaria uma última rebelião que seria aniquilada pela intervenção divina. Com a derrota de Satanás, entrar-se-ia na eternidade da Jerusalém Celeste.

Esta perspectiva escatológica vem influenciando os setores mais conservadores do protestantismo ao longo das últimas décadas. No período da Guerra Fria ela se tornou bastante popular em um contexto no qual “a era atômica suscitou numa grande parte da humanidade, uma angústia e uma mentalidade apocalípticas no sentido vulgar do termo, ou seja, catastróficas” (LE GOFF, 1984, p. 449). No início da década de 1970, o principal responsável pela disseminação das ideias dispensacionalistas junto ao grande público nos Estados Unidos foi Hal Lindsey. De acordo com Klein (2011, p. 141), “*The Late Great Planet Earth*, do evangélico de direita Hal Lindsey foi, de longe, a obra mais lida nos anos 1970”. Segundo Woljck (1997, p. 37), “desde o início da década de 1970 até os anos 1990, o principal responsável pela promoção das cren-

---

1. Essa e as demais citações de textos originalmente em inglês são traduções nossas.

ças dispensacionalistas sobre a iminência e a inevitabilidade do fim do mundo tem sido Hal Lindsey”. Ele foi um dos poucos autores que conseguiram a proeza de ter três livros ao mesmo tempo na lista de mais vendidos do *The New York Times*. Os pesquisadores divergem nos números totais de vendas de *The Late Great Planet Earth*, mas todos estimam algo em torno dos 30 milhões. *The 1980s: Countdown to Armageddon* de 1980, embora não tenha tido a mesma repercussão do primeiro livro, permaneceu por mais de 20 semanas na lista do *New York Times* de livros mais vendidos (BOYER, 1992, p. 5).

Apesar de ser ridicularizado por vários teólogos e por setores da mídia – seja por suas interpretações literalistas dos textos bíblicos ou por suas tentativas de prever possíveis datas para o retorno de Jesus –, Lindsey, de fato, foi uma figura extremamente importante na cultura popular norte-americana ao longo das décadas de 1970 e 1980, tendo um papel importante na construção do imaginário em relação ao futuro de vários norte-americanos. Seus textos popularizaram as crenças pré-milenaristas e dispensacionalistas e, também, criaram um grande e rentável filão editorial.

Neste artigo, procuramos mostrar que para além dos livros, um importante meio através do qual as perspectivas dispensacionalistas foram disseminadas nos Estados Unidos na década de 1970 foram as histórias em quadrinhos. Para tal, analisaremos a revista em quadrinhos *There's a New World Coming*, publicada em 1974 pela *Spire Christian Comics*. Inicialmente, analisaremos o que é o dispensacionalismo, suas principais teorias escatológicas e sua difusão inicial no protestantismo fundamentalista norte-americano. Em seguida, examinaremos a popularização do dispensacionalismo durante a década de 1970, impulsionada pelo sucesso

dos livros de Hal Lindsey. Por fim, apresentaremos o conteúdo da revista *there's a New World Coming* e procuraremos demonstrar como ela retrata a perspectiva dispensacionalista e, mais especificamente, o olhar de Hal Lindsey sobre os textos bíblicos relativos ao fim dos tempos, o contexto geopolítico do final da década de 1960 e a perspectiva extremamente crítica em relação à juventude e aos valores da década de 1960 nos Estados Unidos.

## 1. Dispensacionalismo

As expectativas sobre a iminência do fim dos tempos inspiraram vários movimentos religiosos nos Estados Unidos do século XIX. Talvez o mais conhecido deles tenha sido o movimento formado pelos seguidores das ideias do batista William Miller (1782-1849). Os escritos de Miller e suas cruzadas pelo norte do país divulgando suas previsões sobre a volta de Cristo começaram a ter repercussão no final da década de 1830, arregimentando um grande número de seguidores, que ficaram conhecidos como milleritas. Miller previu, a partir de uma série de interpretações que fazia das profecias bíblicas, que a Segunda Vinda de Cristo ocorreria no dia 22 de outubro de 1844. Como Jesus não retornou, os mileritas tornaram-se motivo de piada e do que sobrou do movimento após o “grande desapontamento” – como ficou conhecido chamado esse episódio –, alguns seguidores de Miller, sob a orientação de Ellen White, formaram o que viria a ser, até hoje, uma importante denominação: os Adventistas do Sétimo Dia. Dessa forma, o dispensacionalismo chegou aos Estados Unidos em um contexto no qual a curiosidade e o interesse por questões escatológicas estava “em alta”, mas, também, num período em que já havia certa reserva em relação às interpretações de profecias e previsões sobre a volta de

Jesus, resultado da grande frustração com o fracasso das expectativas dos mileritas.

Darby e os participantes da Plymouth Brethen experimentaram, a partir da década de 1830, certa notoriedade, inicialmente, na Grã-Bretanha por sua estrutura democrática e congregacional – rejeitando qualquer ligação com o Estado – e, principalmente, por sua ênfase na discussão de questões escatológicas. Entretanto, foi nos Estados Unidos que o sistema dispensacionalista de Darby provocou uma nova “guinada” escatológica no protestantismo. O primeiro responsável pela propagação do dispensacionalismo em terras norte-americanas foi o próprio Darby. De acordo com Boyer (1992, p. 90), o “pai” do dispensacionalismo fez, pelo menos, seis visitas aos Estados Unidos entre 1859 e 1877, disseminando suas doutrinas através de séries de pregações e conferências teológicas. Suas teorias e seus escritos tiveram grande repercussão e vários sacerdotes e leigos (especialmente presbiterianos e batistas do norte do país)<sup>2</sup> aderiram à perspectiva escatológica exposta por Darby.

O dispensacionalismo se apresentava como uma forma de interpretação da Bíblia e não apenas uma teoria focada em algumas poucas passagens do texto sagrado e ansiosa por apresentar datas precisas para os eventos do final dos tempos. Os dispensacionalistas advogavam não ter nada em comum com os desacredita-

---

2. Marsden (2006, p. 46) afirma que essa simpatia inicial de presbiterianos e batistas pelo sistema de Darby estava relacionada à sua proximidade com certas noções calvinistas, como o foco na soberania divina sobre os rumos da história: o entusiasmo com o dispensacionalismo “came largely from clergymen with strong calvinistic views, principally presbyterians and baptists in the northern United States. The evident basis for this affinity was that in most respects Darby was himself an unrelenting Calvinist. His interpretation of the Bible and of history rested firmly on the massive pillar of divine sovereignty, placing as little value as possible on human ability”.

dos milleritas e se afirmavam tão evangélicos e bíblicos quanto a maioria dos protestantes norte-americanos da época. Esse sistema escatológico não foi responsável pelo surgimento de uma denominação ou grupo próprio, ele cresceu e ganhou adeptos dentro das denominações protestantes já existentes. Várias lideranças religiosas e conhecidos pastores – que consideravam os milleritas tolos e hereges – abraçaram o pré-milenarismo, assim como muitos leigos que se interessavam por questões escatológicas e viam no “fio condutor” fornecido pelas ideias dispensacionalistas para se interpretar o texto bíblico um caminho para dar sentido ao conjunto dos textos sagrados.

Em termos de doutrinas escatológicas, o dispensacionalismo não apresentava nada exatamente novo. Sua perspectiva pré-milenista reportava a uma tradição que vinha dos primeiros cristãos, que aguardavam o retorno imediato de Jesus para inaugurar seu reino na terra. A divisão da história em diferentes eras também não era uma novidade. Já havia vários precedentes semelhantes, como a conhecida divisão da história em três eras (do Pai, do Filho e do Espírito) do abade Joaquim de Fiore (1132-1202). Mesmo a exótica crença no Arrebatamento dos cristãos – uma “marca registrada” do dispensacionalismo – já tinha sido afirmada anteriormente pelo importante teólogo da Nova Inglaterra puritana Increase Mather (BOYER, 1992, p. 88). Entretanto, Darby e seus seguidores trouxeram essas crenças, anteriormente periféricas na história do cristianismo, para o centro do seu sistema interpretativo da Bíblia. Diferentemente de outros grupos milenaristas que apoiavam suas crenças em algumas poucas passagens bíblicas, os dispensacionalistas incorporaram todas as profecias em um complexo, porém bem “amarrado”, sistema de interpretação. Apesar de

afirmarem que os “sinais dos tempos” apontavam para a iminência da volta de Cristo, os primeiros dispensacionalistas não cederam à “tentação” de marcar datas para tal retorno.

Se podemos assinalar muitas continuidades entre as crenças dispensacionalistas e a tradição escatológica cristã que as precedeu, há, de fato, certas teorias em seu sistema que indicavam novas tendências interpretativas. As principais são resultado de sua interpretação literalista das profecias bíblicas. No sistema dispensacionalista, não há espaço para alegorias ou sentidos figurados: a não ser que o texto ou contexto indicassem claramente outra coisa, a única maneira adequada de se interpretar as Sagradas Escrituras seria a partir de seu sentido literal (MARSDEN, 2006, p. 60). Dessa forma, várias interpretações de profecias sobre Israel que foram feitas ao longo dos anos por diversos cristãos – como muitos dos puritanos –, que as entendiam como uma referência não ao povo de Israel, mas sim à Igreja (o “novo Israel de Deus”) ou aos Estados Unidos foram rejeitadas. Em seu literalismo, os dispensacionalistas afirmavam que quando a Bíblia fala de Israel ela fala de judeus. Essa perspectiva, somada às diversas profecias sobre Israel ainda não cumpridas – tendo em vista seu futurismo –, levou os dispensacionalistas à conclusão de que existem dois “povos de Deus” com os quais Ele lidaria de modo distinto: o Seu “povo terreno” (*earthly people*) – que seria Israel – e o Seu “povo celestial” (*heavenly people*) – que seria a Igreja, entendida não como uma denominação específica, mas como “igreja invisível”, composta por todos os verdadeiros cristãos de todas as partes do mundo em todos os tempos.

Ao seu povo terreno, Deus teria se revelado nas primeiras seis dispensações. Durante a quinta dispensação – o período da

“Lei” –, há um episódio extremamente importante para entender a lógica dispensacionalista, especialmente em relação à questão dos judeus. O sétimo capítulo (versículos 12 a 16) do segundo livro de Samuel narra um pacto feito entre Deus e o rei Davi: um descendente de Davi restauraria o seu trono e seu reinado seria eterno. A restauração do trono de Davi é uma esperança que aparece nos textos da apocalíptica judaica e entre os profetas. O messias aguardado é visto como o herdeiro da linhagem de Davi que trará um período de paz, justiça e glória para Israel. A afirmação de Jesus como “filho de Davi” significava o cumprimento do pacto entre Deus e Davi na manutenção de sua linhagem real para todo o sempre. O Messias deveria reinar no trono de Davi, em Jerusalém. Entretanto, Jesus “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1:11). Os judeus teriam rejeitado o pacto da sexta dispensação – período da “graça”. Entretanto, no entendimento dos dispensacionistas, o pacto de Deus com Davi não foi rompido. Scofield (1967, p. 362) explicava que “a desobediência na família de Davi seria castigada, mas a aliança entre Deus e a descendência de Davi não seria revogada”. O castigo veio com a divisão dos reinos de Judá e Israel, com o cativo babilônico, com a destruição do templo de Jerusalém, com a diáspora etc. Mas o pacto feito com Davi seria imutável. Deus ainda haveria de restaurar seu “povo terreno” no fim dos dias. A sexta dispensação tornou-se, com a rejeição de Jesus pelos judeus, o tempo de um “grande parênteses” na relação entre Deus e Israel. É o tempo dos gentios e o tempo da Igreja.

A interpretação literalista das profecias feita pelos dispensacionistas se expressa claramente em sua análise dos textos escatológicos do período da apocalíptica. Outra passagem-chave para

entender o sistema dispensacionalista é a chamada profecia das 70 semanas de Daniel (9:22-27). A complexa interpretação feita pelos dispensacionalistas dessa passagem é fundamental para dar sentido a todo o sistema. Seguindo uma linha interpretativa comum a todos os dispensacionalistas, Scofield (1967) afirma que as tais 70 semanas seriam semanas de anos:<sup>3</sup> mais claramente, 70 semanas compostas, cada uma, por sete anos, num período total de 490 anos. As divisões desse período que aparecem no texto seriam assim: 7 semanas (49 anos), 62 semanas (434 anos) e uma semana (7 anos). Os dispensacionalistas argumentam que as 70 semanas teriam tido início em 445 AC, com a autorização dada por Ataxerxes I a Neemias para que este reconstruísse o templo de Jerusalém – “desde a saída da ordem para restaurar, e para edificar a Jerusalém [...]” (Cf. Neemias 2:1-9). Nas primeiras sete semanas (445 a 396 AC), “Jerusalém deveria ser reconstruída em meio a tempos turbulentos. Isso foi cumprido de acordo com os registros de Esdras e Neemias” (SCOFIELD, 1967, p. 914). As 62 semanas subsequentes representariam o período que iria até a morte do Messias. Partindo de sua interpretação literalista do texto bíblico que, segundo criam, dizia que entre o período da autorização para a reconstrução do templo e a crucificação de Jesus haveria uma diferença de 483 anos, os dispensacionalistas fizeram uma série de cálculos complexos – que levaram em conta anos bissextos, calendário judaico, diferenças entre o calendário juliano e o ano solar etc. – que, segundo eles, comprovariam sua teoria.

Um ponto *sui generis* da interpretação dispensacionalista dessa profecia é o entendimento de que há um intervalo indeterminado entre o final da sexagésima nona semana e o início da septua-

---

3. A fórmula “dia = ano” é baseada em certas passagens do texto bíblico como Números 14:33-34 e Ezequiel 4:4-6.

gésima (e última) semana. Segundo Timothy Weber (1979, p. 19), na perspectiva dispensacionalista, “quando os judeus rejeitaram a Jesus como seu messias, Cristo adiou seu aguardado retorno e, inesperadamente, voltou sua atenção para os gentios”. Seria o período no qual Deus interromperia sua relação com seu “povo terreno” e voltaria sua atenção ao seu “povo celestial”, aqueles de fora do “arraial de Israel” que aceitaram o pacto da graça anteriormente rejeitado pelos judeus. Seria, assim, o “grande parênteses” na relação entre Jeová e Israel que mencionamos anteriormente. Esse seria também um período em relação ao qual as profecias diriam muito pouco: não haveria profecias específicas sobre a Igreja. Sinais indicariam a proximidade do fim, mas as 70 semanas não diriam nada a respeito do “povo celestial”.

As profecias restantes se refeririam à última semana que ainda aguarda seu cumprimento. Esse período de sete anos precede o Milênio e se inicia com o fim da era da Igreja. Mas, mais especificamente, são dois acontecimentos ligados à relação entre Cristo e seu “povo celestial” que delimitam o período dos sete anos: o início com o já mencionado Arrebatamento dos cristãos e o fim com o retorno desses junto com Jesus na *parousia*. No Arrebatamento, Cristo viria somente *para* os seus santos. Na segunda vinda, Cristo viria *com* os seus santos para derrotar o Anticristo e inaugurar o Milênio. Assim, durante a septuagésima semana, os cristãos não estariam mais na terra e não enfrentariam as perseguições e o período de trevas que marcariam esses 7 anos de Tribulação. Na perspectiva pré-tribulacionista dos dispensacionalistas, a Igreja seria removida para que Deus realizasse sua vontade final para o

seu “povo terreno”, os judeus.<sup>4</sup> Seria um período de grande perseguição aos judeus e durante esses anos vários deles compreenderiam que Jesus seria, de fato, o messias. De acordo com Boyer (1992, p. 89), “após uma terrível perseguição durante o reinado do Anticristo, um remanescente dos judeus sobreviventes finalmente aceitaria o messias que rejeitara por tanto tempo”. Ao final das 70 semanas, o trono de Davi seria restaurado e o Milênio haveria de ser “um reino judeu, completo com um templo restaurado, sacrifícios diários e um poderoso rei Jesus reinando em Jerusalém e exercendo a hegemonia judaica sobre o resto do mundo” (WEBER, 1979, p. 23). Após o reinado de mil anos Satanás seria liberto e incitaria nova rebelião que seria rapidamente derrotada. Após isso, viria a ressurreição dos mortos, o julgamento final e o início da eternidade em novos céus e nova terra. Esse é, de forma bem sucinta, o *script* do pré-milenarismo que ganhou grande aceitação nos EUA após 1875.

## 2. Hal Lindsey e o dispensacionalismo pop

O dispensacionalismo se tornou rapidamente popular nos Estados Unidos. Um dos principais responsáveis pela inserção das crenças dispensacionalistas fora do círculo das discussões teológicas, tornando-as acessíveis ao grande público, foi o livro *Jesus is Coming* de William E. Blackstone. A primeira edição do livro é de 1878. *Jesus is Coming* pode ser considerado o primeiro grande *best seller* dispensacionalista: apesar de não haver uma estimativa em termos de números sobre sua vendagem, as várias edições

---

4. Uma questão importante a se ressaltar é que haveria judeus em Israel no fim dos tempos, o que ainda não era uma realidade nos dias de Darby. Essa ideia terá grande repercussão nos Estados Unidos ao longo do século XX. De acordo com Boyer (1992, p. 89), “Darby was far from alone in teaching a Jewish return to Palestine, but in placing this event at the heart of his dispensational system, he had a profound long-term influence”.

publicadas e a tradução do livro para 42 idiomas (WEBER, 2004, p. 103) dão uma ideia de seu sucesso e repercussão. Apesar de todo o sucesso de Blackstone, o mais famoso discípulo do sistema de Darby – que inclusive alguns, menos avisados, costumam afirmar ser o formulador do sistema dispensacionalista – foi Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921), organizador das notas da já citada *Scofield Reference Bible*, lançada originalmente em 1909 e que se tornou um enorme sucesso de vendas e o grande texto de referência dos dispensacionalistas até os dias de hoje. No prefácio da edição de 1917, o próprio Scofield (1967, p. iv) justificava a nova edição devido a uma “enorme demanda pelo *Scofield Reference Bible* em todas as partes do mundo”. Muito do sucesso da Bíblia de Scofield decorre da harmonização entre o texto bíblico e a teoria dispensacionalista executada por suas notas. Scofield acreditava que qualquer um teria capacidade para entender e interpretar as profecias bíblicas, mesmo sem maior preparo teológico. As notas da sua Bíblia permitiriam ao “homem comum” estabelecer nexos e conexões entre os textos a partir da perspectiva das dispensações.

Dessa forma, o dispensacionalismo permaneceu como narrativa escatológica dominante nos setores mais conservadores do protestantismo norte-americano. Mas foi somente a partir da década de 1970 que essa forma de interpretar as questões ligadas aos “últimos dias” extrapolou as barreiras do “gueto” fundamentalista e começou a flertar com o *mainstream* cultural norte-americano. O contexto da Guerra Fria foi fundamental para esse alargamento da base de interessados no que a Bíblia teria a dizer em relação ao fim dos tempos. A possibilidade de um conflito entre Estados Unidos e União Soviética, fomentado por todo o desenvolvimento militar/tecnológico ocorrido naquele período, criou a ideia de que

o mundo poderia ser destruído caso um simples botão fosse pressionado. Frente ao medo da grande catástrofe, a humanidade era convocada a uma luta pela sobrevivência, uma luta pelo adiamento do fim. O medo do “holocausto nuclear” criou uma ponte que interligava extremos que iam das pregações dos púlpitos das igrejas fundamentalistas até as advertências dos *hippies* contra a guerra e o “capitalismo selvagem”. O temor de um desfecho trágico para a história humana inundou o imaginário popular. O final do filme *Planet of the Apes* (1968), no qual o astronauta Taylor, interpretado por Charlton Heston, descobre que o planeta governado por macacos falantes era, na realidade, a terra do futuro (pós-guerra nuclear) mostrava um pouco do pessimismo e da angústia frente ao projeto armamentista desenfreado. Se, como diria Moltmann (2003), no século XIX aguardava-se o Milênio – aquele embalado pelo espírito das Luzes e edificado pela razão – sem “apocalipse”, no período da Guerra Fria a expectativa era de um “apocalipse” sem Milênio.

Dessa forma, podemos dizer que no final dos anos 1960, questões sobre a proximidade do fim do mundo estavam na “pauta” da sociedade norte-americana. Foi com esse pano de fundo que Hal Lindsey, um jovem evangelista que exercia seu ministério pregando para universitários como integrante da organização *Campus Crusade for Christ* (CCC) na Califórnia, publicou suas análises sobre o contexto geopolítico do final da década de 1960, a partir de uma perspectiva dispensacionalista, e se tornou o maior fenômeno de vendas da década de 1970. Se o dispensacionalismo já havia se consolidado nos ambientes fundamentalistas ao longo do século XX, a figura que colocaria as crenças (e especulações) dispensacionalistas na ordem do dia dos religiosos e, também, dos

“não-tão-religiosos-assim”, nos Estados Unidos, foi Lindsey com seu livro de sucesso assombroso: *The Late Great Planet Earth*.<sup>5</sup> Publicado originalmente em 1970, tornou-se um grande *best-seller*, com vendas de aproximadamente 30 milhões de cópias.<sup>6</sup>

As obras posteriores de Lindsey também tiveram enorme sucesso, com vendas na casa dos milhões. Lindsey é um dos poucos autores a ter, simultaneamente, três livros na lista dos mais vendidos elaborada pelo *The New York Times*. O imenso sucesso de *The Late Great Planet Earth*, suplantando em vendas livros extremamente importantes e polêmicos da década como, por exemplo, *All the President's Men* (1974), dos jornalistas Carl Bernstein e Bob Woodward, e *The Joy of Sex* (1976), de Alex Comfort, popularizou as teses dispensacionalistas para além dos círculos fundamentalistas, tornando familiares para grande parte dos norte-americanos, mesmo que não concordassem com elas, questões sobre a identidade do Anticristo, a batalha do Armagedom e o Arrebatamento dos crentes. *The Late Great Planet Earth* foi responsável por um *boom* da “literatura” dispensacionalista, com novos e velhos autores, pegando “carona” no sucesso de Lindsey, lançando (e vendendo) uma enorme quantidade de livros sobre o “fim dos tempos”.

Mark Sweetnam (2011) diz ter sido Lindsey o responsável por uma “grande transformação” no dispensacionalismo norte-americano. Acreditamos ser exagerado o que o título de seu artigo – *Hal Lindsey and the great dispensational mutation* – dá a entender. Embora algumas especulações de Lindsey, como, por exemplo,

---

5. Traduzido no Brasil como *A Agonia do Grande Planeta Terra*. Uma das edições nacionais é: LINDSEY, Hal; CARLSON, C. C. *A agonia do grande planeta terra*. São Paulo: Mundo Cristão, 1973.

6. Os autores divergem nos números totais de vendas, mas todos estimam algo em torno dos 30 milhões. Karen Armstrong (2009, p. 369) fala em 28 milhões de exemplares e Diamond (1989, p. 134) e Weber (2004, p. 191), em 35 milhões.

sua argumentação de que o Mercado Comum Europeu seria o embrião do ressurgimento do Império Romano, possam ter tido um ar de “novidade” quando do lançamento do livro, as doutrinas centrais de seu texto, como a necessidade do Arrebatamento dos crentes, o ressurgimento do Império Romano, a volta dos judeus para a “terra prometida” e a invasão russa do futuro Estado de Israel, precedendo a Segunda Vinda de Cristo, já eram compartilhadas entre os dispensacionalistas ainda no século XIX. Apesar do seu estilo acessível e da sua vendagem estratosférica, as interpretações das profecias de *The Late Great Planet Earth* refletiam certo consenso dentro da tradição dispensacionalista sobre a sequência de eventos que precederiam a segunda vinda de Cristo. Muitas dessas previsões já estavam expressas, por exemplo, nas ideias de Darby, em *Jesus is Coming*, e nas notas de rodapé da Bíblia Scofield. Se Lindsey reinterpretou alguns personagens e eventos da trama apocalíptica a partir de referenciais da década de 1960 e da Guerra Fria, sua base teológica e doutrinária é herdeira direta do dispensacionalismo e do fundamentalismo do início do século XX. Paul Boyer (1992, p. 126) diz que os textos de Lindsey não contribuíram com nada realmente novo em uma já bem consolidada tradição pré-milenista. Portanto, cremos que *The Late Great Planet Earth* representa muito mais “continuidade” do que “ruptura” com o pré-milenismo/dispensacionalismo tradicional.

Lindsey apresentou uma transformação muito mais na “forma” do que no “conteúdo” dessas crenças. Nesse sentido, e somente nesse, podemos sim concordar com Sweetnam que Lindsey estabeleceu um novo paradigma no dispensacionalismo norte-americano. Inicialmente, é importante observar que o livro de Lindsey não foi escrito tendo como alvo pessoas já iniciadas no assunto

dentro do “gueto” fundamentalista tradicional, como os participantes das ainda pujantes “conferências proféticas”. Apesar do seu conservadorismo religioso e político, Lindsey – possivelmente com a experiência adquirida em seu trabalho evangelístico voltado para a juventude – conseguiu transmitir sua mensagem a uma parte da geração da década de 1960 de uma maneira muito mais acessível que os seus predecessores. As organizações que buscavam evangelizar estudantes universitários, como a CCC, apesar de sua perspectiva conservadora de cristianismo, foram adquirindo um discurso menos sectário e mais aberto ao diálogo com os jovens.<sup>7</sup>

Lembremos que Lindsey iniciou seu trabalho evangelístico no início da década de 1960. Ele vivenciou as peculiaridades e transformações nos valores e costumes da juventude impactada pelos movimentos contra-culturais e, também, “desconfiada” do excepcionalismo norte-americano. Lindsey se tornou um fundamentalista “atenado” com o seu tempo e preocupado em transmitir a mensagem do “verdadeiro Evangelho” de forma acessível. De acordo com Timothy Weber (2004, p. 188-189), mesmo tendo formação teológica acadêmica em Dallas, Lindsey tinha uma grande habilidade para transmitir sua mensagem de forma simples para a juventude e, também, para os “pais que estavam profundamente perturbados com a revolução social que avançava ao seu redor”. Assim, enquanto teólogos travavam exaustivos debates acadêmicos sobre a interpretação correta dos textos escatológicos, Lindsey não tinha interesse em escrever “um complexo tratado de teologia, mas um relato franco, sem rodeios, das mais vibrantes opiniões

---

7. Porém, é importante deixar claro que, apesar de “roupagem” mais acessível de sua mensagem, o conteúdo das pregações dos participantes da CCC era o velho evangelicalismo biblicista e conversionista. De acordo com Isserman e Kazin (2000, p 259), “but even such fundamentalist detractors as Campus Crusaders for Christ sometimes adopted one or another rite of the youth culture, if only to attract more of the young.”

sobre o que o futuro pode trazer a cada pessoa individualmente” (LINDSEY; CARLSON, 1970, p. 7).

Um termo que parece ser adequado para entender esse “novo” dispensacionalismo iniciado com *The Late Great Planet Earth* é “dispensacionalismo pop” (*pop dispensationalism*). Ao que parece, o termo foi cunhado por um dos principais críticos do pré-milenarismo/dispensacionalismo: o reconstrucionista<sup>8</sup> Gary North. Lindsey seria responsável, nessa perspectiva, por um rompimento do dispensacionalismo com a teologia acadêmica. A interpretação das profecias se distanciaria dos debates das disciplinas de Escatologia dos seminários e – dado que estaríamos vivendo na iminência do fim dos tempos – partiria da análise do “cumprimento” das profecias que estariam ocorrendo no mundo. Beneficiado por novos fatores que pareciam provar que os dispensacionalistas estavam “certos” – como a volta dos judeus para a Palestina e a ameaça militar soviética –, Lindsey popularizou o dispensacionalismo com seus livros de escrita acessível ao grande público, capas e títulos chamativos e várias referências à cultura de massa. Em sua crítica a Lindsey, North (1993, p. 22) disse que o seu dispensacionalismo *pop* se baseava numa *newspaper exegesis*. Escatologia deixou de ser assunto das “conferências proféticas” e das pregações de pastores fundamentalistas sobre o “fim dos tempos” para se tornar um tema do *mainstream* cultural norte-americano. *The Late Great Planet Earth* fez o dispensacionalismo sair das estantes de Escatologia das livrarias cristãs e o colocou

---

8. O reconstrucionismo é uma corrente calvinista conservadora e pós-milenarista dentro do universo fundamentalista norte-americano. North utiliza o termo *pop dispensationalism* em uma série de textos, entre eles: NORTH, Gary. *Rapture fever: why dispensationalism is paralyzed?* Tyler: Institute for Christian Economics, 1993. Sweetnam (2011) e Gribben (2009) também utilizaram o termo em seus trabalhos.

“em drogarias, supermercados e livrarias ‘seculares’, lado a lado com romances góticos, westerns baratos e livros sobre as últimas modas: dietas, jardinagem orgânica, vida pessoal e afetiva das celebridades de Hollywood e OVNI’s” (WEBER T., 1979, p. 5).

O sucesso de Lindsey criou um nicho editorial extremamente rentável e obras sobre escatologia eram lançadas e consumidas numa velocidade impressionante. O interesse dos norte-americanos por profecias no final da década de 1960 surgiu num ambiente de crescente interesse pelo oculto, astrologia, parapsicologia e, como citado por Timothy Weber acima, por OVNI’s. Embora possa ser incluído nesse rol de crenças “exóticas” que tinham um grande público na época, o “dispensacionalismo pop” se diferenciava por afirmar que se apoiava em uma autoridade ainda reconhecida por grande parte da população norte-americana: a Bíblia. Por mais que grande parte dos norte-americanos estivesse se afastando das igrejas protestantes tradicionais, a crença de que a Bíblia seria, de alguma forma, uma fonte de “verdade última” ainda se fazia presente nos referenciais culturais do norte-americano “médio”. Portanto, se a maioria dos leitores de Lindsey não tinha um conhecimento prévio do que seriam as dispensações e nem das polêmicas entre pré-milenaristas e pós-milenaristas, poderíamos arriscar dizer que vários criam na Bíblia – mesmo sem maior conhecimento de seu conteúdo – como um livro de origem divina e que tinha algo a dizer sobre o futuro.

### **3. O dispensacionalismo pop nos quadrinhos:**

#### **There’s a New World Coming**

Mas as influências dos propagadores do dispensacionalismo *pop* não se restringiram ao mercado editorial. O mercado do “fim

dos tempos” também despertou o interesse de produtores de filmes cristãos. Dentre uma série de películas produzidas no período, destaca-se *A thief in the night* de 1972, um filme que retrata as angústias de Patty Myer, uma jovem que não teria sido arrebatada e enfrentava uma série de provações no período da Tribulação. O sucesso do filme, especialmente no ambiente fundamentalista, resultou em três sequências: *A distant thunder* (1978), *Image of the beast* (1981) e *The prodigal planet* (1983). *The Late Great Planet Earth* também recebeu uma “versão documentário” (1979) para os cinemas, que contava, além dos comentários de Lindsey, com a narração do renomado ator/diretor Orson Welles.

Outro filão que recebeu a atenção do dispensacionalismo *pop* foi o das histórias em quadrinhos. No início da década de 1970, mais precisamente em 1972, surgiu a *Spire Christian Comics*, um ramo especializado em histórias em quadrinhos da editora cristã Fleming H. Revell. Entre os lançamentos da *Spire*, estavam adaptações de histórias bíblicas e uma série infantil protagonizada pelo personagem Archie. Mas o foco principal e mais lucrativo da editora era o lançamento de versões em quadrinhos de livros cristãos de sucesso. O primeiro lançamento da *Spire* em 1972 foi uma adaptação de *The cross and the switchblade* (A cruz e o punhal) de David Wilkerson. Também constam entre os lançamentos da *Spire*, adaptações de *The hiding place* (Refúgio secreto) de Corrie Ten Boom, lançado em 1973; *Hello, I'm Johnny Cash*, uma versão em quadrinhos sobre as experiências do *man in black* com o evangelho, lançado em 1976; e, em 1977, uma adaptação do conhecido *In his steps* (Em seus passos, o que faria Jesus?), lançado originalmente em 1896 por Charles M. Sheldon.

Em 1974, a *Spire Christian Comics* lançou *There's a New*

*World Coming*, uma adaptação para os quadrinhos, ilustrada por Al Hartley, das perspectivas de Hal Lindsey sobre o fim dos tempos apresentadas em *The Late Great Planet Earth* e no livro com o mesmo nome da revista em quadrinhos lançado em 1973 – livro no qual Lindsey, basicamente, repete suas ideias da obra anterior de forma um pouco mais detalhada.

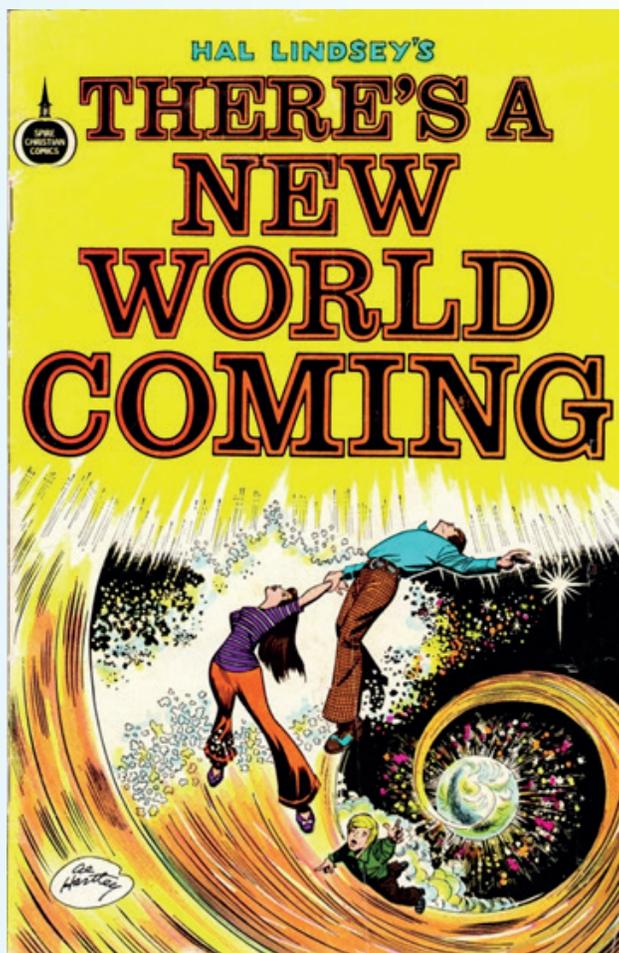


Figura 1: Imagem extraída da edição em quadrinhos de *There's a New World Coming*, publicada em 1974 pela Fleming H. Revell Company

A revista em quadrinhos já deixa bem claro, logo em seu início,

do que trata o seu conteúdo: “Hal Lindsey’s exciting explanation of the book of Revelation!!!” (TNWC, p. 1).<sup>9</sup> A história retrata uma série de visões de três jovens (aparentemente três adolescentes) sobre o fim dos tempos. A história tem início com os três jovens (dois rapazes e uma garota cujos nomes não são mencionados) em uma espécie de redemoinho que os levam para o passado. Essa “divine time machine” (TNWC, p. 1) que teria sido acionada após um dos jovens abrir sua Bíblia no livro do Apocalipse.

A primeira visão que os amigos têm é do apóstolo João – reafirmando uma interpretação corrente no fundamentalismo protestante de que o livro foi escrito pelo “discípulo amado” – começando a escrever os primeiros versos do Apocalipse. Após a visão de João, a garota já faz uma primeira observação que está em sintonia com a perspectiva dispensacionalista: a aparente “confusão” na qual o mundo do início da década de 1970 estava mergulhado daria às pessoas a impressão de que Cristo tivesse perdido o controle dos acontecimentos. Entretanto, como Lindsey procurava demonstrar, a história estaria seguindo de forma perfeita o *script* predito na Bíblia. Que *script* seria esse? Resposta: a interpretação dispensacionalista dos textos escatológicos. Logo na segunda página da revista já aparece uma linha do tempo – elemento quase sempre presente em obras dispensacionalistas – na qual estavam presentes os elementos principais da narrativa dispensacionalista: a aliança de Deus com Israel, o Arrebatamento, os sete anos de Tribulação, a Segunda Vinda de Cristo precedendo os mil anos do reinado do Filho de Deus na Terra e, por fim, o Julgamento Final, a destruição do mundo tal qual o conhecemos e a criação de novos céus e nova terra.

---

9. Utilizaremos as iniciais e as páginas das citações da revista *There's a New World Coming* para evitar repetições constantes.

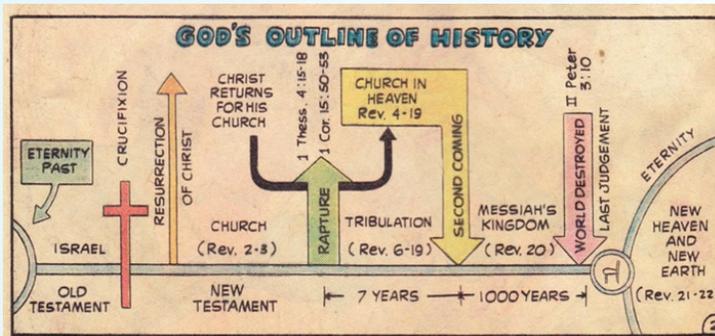


Figura 2: Imagem extraída da edição em quadrinhos de *There's a New World Coming*, publicada em 1974 pela Fleming H. Revell Company

Na sequência, busca-se demonstrar como essa história de um planeta destinado à destruição total está sob o controle divino. Reafirmando um ponto central do “esquema” dispensacionalista, a segunda visão que os três jovens têm na revista é a do “great snatch”, o Arrebatamento. Os “verdadeiros cristãos” que estiverem vivendo nos últimos dias serão assuntos ao céu sem experimentar a morte. Enquanto alguns irão para os céus, vários outros serão “deixados para trás”,<sup>10</sup> afirmam os dispensacionalistas inspirados

10. A expressão “deixados para trás”, no original *left behind*, já havia sido popularizada no dispensacionalismo na canção *I wish we'd all been ready* (1969) de Larry Norman, cantor de rock cristão de grande sucesso na década de 1970. Na revista *There's a New World Coming*, a jovem, a vislumbrar o Arrebatamento menciona a música de Larry Norman e o seguinte trecho aparece no quadrinho: “Two men walking up a hill... One disappears and one's left standing still... I wish we'd all been ready!” A conhecida canção de Norman veio a inspirar, posteriormente, o título da série *Left Behind*, de Tim LaHaye e Jerry Jenkins. *Left Behind* é uma série muito popular nos Estados Unidos e também nos ambientes influenciados pelo fundamentalismo protestante ao redor do mundo, inclusive no Brasil. A história é, basicamente, uma interpretação literalista do livro do Apocalipse dentro do contexto geopolítico das décadas de 1990 e 2000. O arrebatamento pré-tribulacional dos crentes ocorre, o Anticristo controla a ONU e cria um sistema econômico global integrado. Enquanto isso, um pequeno grupo de cristãos norte-americanos, que devido à sua falta de fé foram “deixados pra trás” no advento do Arrebatamento, combate as forças do mal, aguardando o desfecho final. Essa série de livros (12 volumes) já havia vendido até 2004 mais de 62 milhões de cópias (MARS DEN, 2006, p. 249). Tal “aventura apocalíptica” ganhou também versões cinematográficas de sucesso e acabou até nas telas dos videogames. De acordo com Timothy Weber (2004, p. 194), “Lahaye and Jenkins have replaced Lindsey as the best-selling dispensationalist authors of all time. *Time* magazine estimates that each author has earned over \$50 million in royalties, and the end has not yet arrived”.

por sua leitura de Mateus 24:38-42.

Após essa visão do futuro, um dos jovens é tomado por uma dúvida semelhante àquela dos discípulos de Cristo:<sup>11</sup> Quando tais coisas acontecerão? Seu amigo, na mesma linha do texto do Evangelho, afirma que ninguém sabe o dia e a hora, mas vários sinais indicariam a iminência da volta de Jesus. Aqui, vários dos pontos que misturam dispensacionalismo, leituras literalistas do texto bíblico, conservadorismo político, sionismo cristão, Guerra Fria e identidade nacional norte-americana que marcam a perspectiva escatológica de Hal Lindsey aparecem nos quadrinhos. Duas páginas são dedicadas aos sinais do fim dos tempos, que seriam: o retorno dos judeus dispersos à terra de Israel; a reconquista de Jerusalém pelos judeus; a ascensão da Rússia como uma grande potência mundial inimiga de Israel; a organização de uma confederação de países árabes contra Israel; a capacidade chinesa de mobilizar um exército de 200 milhões de soldados; o renascimento do Império Romano na forma de uma confederação de 10 países do Mercado Comum Europeu; o renascimento de práticas de ocultismo da antiga Babilônia; o uso sem precedentes de substâncias entorpecentes; o aumento de revoluções, guerras, terremotos, fome, pragas, poluição e desrespeito às leis; o afastamento de muitas igrejas cristãs das verdades históricas do cristianismo; o movimento em prol de uma única religião mundial; a tendência à centralização de um governo mundial; o declínio da família tradicional; e a decadência dos Estados Unidos como maior potência mundial.<sup>12</sup>

---

11. Mateus 24:3

12. Tais sinais são mencionados e ilustrados nas páginas 6 e 7 de *There's a New World Coming*. Na própria revista indica-se a leitura de *The Late Great Planet Earth* para maiores detalhes.

No decorrer da revista, as visões dos jovens seguem o *script* dispensacionalista sobre os eventos que precederão o “fim do mundo”. Com o Arrebatamento, inicia-se uma contagem regressiva de sete anos para o Juízo Final. Durante a Tribulação surgirá como grande força política o Anticristo, líder do Império Romano “revivido”. A revista nesse ponto retoma uma “teoria” de Lindsey segundo a qual o Império Romano ressurgirá na Europa tendo à sua frente um poderoso líder. “As Escrituras proféticas nos dizem que esse Império Romano vai reviver pouco antes do retorno de Cristo à Terra. Um novo César será o ‘cabeça’ desse império” (LINDSEY; CARLSON, 1970, p. 88). Lindsey falava do novo contexto geopolítico mundial que, contrariando os cétricos, indicaria, segundo ele, a possibilidade real de um ressurgimento do Império Romano na Europa. A expectativa entre alguns pré-milenaristas das décadas de 1930 e 1940 de que Mussolini seria o Anticristo que estaria à frente de um novo Império Romano foi frustrada pelos acontecimentos posteriores. Lindsey, entretanto, resgatou a crença da iminência do ressurgimento de Roma a partir de uma interpretação *sui generis* que daria da assinatura do Tratado de Roma que constituiu o Mercado Comum Europeu (MCE) em 1957. De acordo com Sweetnam (2011), a interpretação de Lindsey ligando o Novo Império Romano ao MCE foi uma “novidade” que marcou as interpretações pré-milenaristas posteriores. À frente do Império Romano redivivo estaria a figura do Anticristo que, de liderança europeia local, tornar-se-ia um ditador mundial antes que o período dos sete anos da Tribulação chegasse ao fim. Lindsey – e aqueles que seguiam sua linha de raciocínio – entendiam que essa segunda fase do Império Romano seria baseada numa confederação de dez nações. Dentre essas dez nações haveria de surgir uma nova liderança que derrotaria a oposição e expandiria

seu poder por todo o mundo. Ele chegaria ao poder em um momento de desespero onde as pessoas estariam clamando por alguém que garantisse paz e ordem na Terra.

Na metade do período da Tribulação (três anos e meio), o segundo selo mencionado em Ap 6:3-4 será aberto desembocando em uma sequência de guerras. Inicialmente, a Rússia junto com seus aliados árabes invadirá Israel. O Anticristo reagiria à investida dos russos mobilizando um imenso exército mundial para libertar Israel do “domínio comunista”. A destruição de Gogue, predita em Ezequiel, tornar-se-ia realidade. Imagens dessa profecia são entendidas por Lindsey, e retratados na revista em quadrinhos, como ataques nucleares: “a descrição de torrentes de fogo e enxofre a cair sobre o Exército Vermelho, em conjunto com um abalo sem precedentes da terra de Israel, pode bem referir-se ao uso, pelos romanos, de armas nucleares contra esse exército” (LINDSEY; CARLSON, 1970, p. 161). Essa guerra gerará fome, crise econômica e um quarto da população mundial morrerá em questão de dias.

Nesse período, o Anticristo revelaria sua verdadeira face satânica dando início a 42 meses de terror. A perseguição será implacável para os que se voltarem para o Evangelho durante a Tribulação. Os que se negassem a receber a “marca da besta” seriam perseguidos e, muitos deles, martirizados. Mas aqui surge uma questão: se os verdadeiros cristãos já estariam no “céu”, quem seriam esses “santos” que resistiriam ao poder do Anticristo?



Figura 3: Imagem extraída da edição em quadrinhos de *There's a New World Coming*, publicada em 1974 pela Fleming H. Revell Company

De acordo com Lindsey, “depois que os cristãos forem arrebatados, Deus vai revelar-Se de modo especial a 144.000 judeus em sentido físico e literal” (LINDSEY; CARLSON, 1970, p. 111) e esses, a duras penas, por fim crerão que Jesus Cristo é o Messias. Há uma crença já presente nos textos dos primeiros dispensacionistas de que, durante o período inicial da Tribulação, os judeus se aproximariam do Anticristo devido à “paz” que este iria proporcionar durante um certo período. Mas, a partir do momento em que o Anticristo institucionalizasse seu culto pessoal no Templo de Jerusalém (o “Abominável da Desolação” no lugar santo de Mateus 24:15 e II Tessalonicenses 2:4), um grupo de judeus se convenceria de que Jesus Cristo de Nazaré teria sido, de fato, o Messias que tanto aguardavam. Esses 144.000 judeus se tornariam os grandes evangelistas do período da Tribulação e conseguiriam levar muitos a se converterem também. Portanto, os judeus que negassem cul-

to à “besta” e, também, os novos convertidos de todas as nações seriam perseguidos implacavelmente pelo Anticristo. Mas tais perseguições não seriam novidades para os judeus. O papel especial de Israel nos planos de Deus é lembrado pelos personagens da revista: “The jews are God’s chosen race” (TNWC, p. 15); “No race should survive all that the jews have gone through unless God was with them” (TNWC, p. 15).

Outro elemento característico das interpretações de Lindsey que aparecem ao longo de toda a revista em quadrinhos é o entendimento de que muitas das profecias haviam sido interpretadas de forma alegórica pelas gerações anteriores devido à ausência de certas tecnologias, descobertas científicas e personagens que pudessem permitir uma análise literal dos textos. Por exemplo, segundo Lindsey, vários relatos sobre fogo, enxofre, “grandes tremores de terra”, sol tornando-se negro, lua tornando-se como sangue etc. do Apocalipse seriam referências, a partir do olhar de um homem do final do primeiro século, a efeitos de explosões de armas nucleares. No contexto do final da década de 1960, afirmava Lindsey, isso faria todo o sentido. Um exemplo interessante sobre essa ótica de Lindsey, de que as profecias parecem ser alegorias sem sentido devido ao fato dos profetas não terem as “palavras corretas” para expressar as visões do futuro que estavam tendo, é esta passagem da introdução de seu livro *There’s a New World Coming* (1973, p. 16), onde um helicóptero é encontrado no texto apocalíptico: “Some writers have chosen to interpret each symbol quite literally. For example, a locust with the face of a man, the teeth of a lion, a breastplate of iron, a tail that can sting, and wings that make the sound of many chariots would have to be specially created by God to look just like that description. I personally tend to

think that God might utilize in his judgments some modern devices of man which the Apostle John was at a loss for word to describe nineteen centuries ago! In the case just mentioned, the locusts might symbolise an advanced kind of helicopter". A imagem do helicóptero aparece na revista e a explicação é semelhante:



Figura 4: Imagem extraída da edição em quadrinhos de There's a New World Coming, publicada em 1974 pela Fleming H. Revell Company

Após a destruição dos árabes e russos, sobriariam apenas duas grandes forças bélicas na terra: a coalizão, agora mundial, liderada pelo Anticristo romano e “as vastas hordas do Oriente, provavelmente unidas sob a máquina de guerra dos chineses vermelhos” (LINDSEY; CARLSON, 1970, p. 162). Seria chegada a hora de entrarem em cena “os reis que vêm do lado do nascer do sol”

com seu enorme exército de 200 milhões de soldados. Rumariam para o Oriente Médio a fim de derrotar o Anticristo para lhe usurpar o poder. Todas as outras nações se uniriam às hostes da “besta” para o combate contra os chineses. Essa grande luta ocorreria “no lugar que em hebraico se chama Armagedom” (Ap. 16:16). Ali seria o epicentro de uma batalha que destruiria grande parte do planeta e seria responsável pela morte de bilhões de pessoas (dado que só os chineses exterminariam um terço da população global). O conflito se espalharia por toda a terra e só seria encerrado com o retorno visível de Cristo, em sua efetiva Segunda Vinda. Jesus voltaria junto com seus exércitos de anjos e dos santos que foram arrebatados. Não mais como o “servo sofredor”, mas o “rei poderoso”, “Senhor dos exércitos”.

Após derrotar os exércitos reunidos no Armagedom, Jesus separaria, dentre os sobreviventes, os crentes dos incrédulos – que “serão julgados e lançados fora da Terra” (LINDSEY; CARLSON, 1970, p. 178) – e prenderia Satanás por um período de mil anos. Aí teria início o reinado milenar de Cristo na terra. Com o Rei Jesus reinando no trono de Davi em Jerusalém, enfim o mundo conheceria, de fato, justiça, paz, harmonia e prosperidade.

Ao final dos mil anos, Satanás seria libertado de seu cativeiro e incitaria uma última rebelião contra Deus. Ele seria seguido por uma parcela daquelas gerações que teriam nascido durante o Milênio e não haviam experimentado as terríveis experiências que precederam a Segunda Vinda de Jesus. A razão pela qual Satanás será libertado é assim explicada por um dos jovens da revista: “To show that even when things are going great, man can still mess up!!! God is showing us that the rebellion in man’s heart isn’t caused by man’s environment or anything else on the outside.

The problem is inside!!! It's sin!!!” (TNWC, p. 28). Aparentemente, os jovens do final do Milênio ainda estarão cometendo os mesmos pecados da juventude dos anos 1960: sexo, drogas e rock'n roll.



Figura 5: Imagem extraída da edição em quadrinhos de *There's a New World Coming*, publicada em 1974 pela Fleming H. Revell Company

A revolta incitada por Satanás seria rapidamente massacrada e os rebeldes seriam julgados e condenados. Satanás seria lançado no lago de fogo e enxofre onde seria, junto com seus seguidores, atormentado pelo resto da eternidade. Ocorre o Juízo Final. Um dos jovens é tomado por intensa tristeza ao perceber que familiares e amigos poderão estar entre aqueles que ouvirão de Cristo: “I never knew you... Depart from me!” (TNWC, p. 29). Finalmente chegaria ao fim a história dos homens e seu “pequeno planeta azul”. Enfim, haveria uma nova criação: novos céus e nova terra.

A revista termina com um chamado à urgência de sua mensagem. Não se trata de ficção científica ou de um conto de fadas. Seguindo a retórica de Lindsey, as profecias estariam se cumprindo e isso podia ser constatado na leitura dos jornais do dia.



Figura 6: Imagem extraída da edição em quadrinhos de *There's a New World Coming*, publicada em 1974 pela Fleming H. Revell Company

## Conclusão

*There's a New World Coming* trouxe para o mundo dos quadrinhos e, conseqüentemente, para um formato de texto muito popular entre os jovens norte-americanos as principais crenças do pré-milenismo dispensacionalista. A revista também era uma crítica aos rumos que os Estados Unidos, especialmente sua juventude, havia tomado na década de 1960. A antes “nação eleita” e “projeto-piloto” do reino milenar de Cristo na Terra havia se tornado um exemplo do afastamento da humanidade das verdades divinas, e da “depravação moral” que precederia o fim dos tempos. Lindsey apontava para alguns sintomas do fim que podiam ser observados nos EUA da virada da década de 1960 para a de 1970: aumento do uso de drogas aliado a novas formas de religiosidade não cristãs – inclusive o satanismo explícito – que emergiram no rastro dos movimentos de contracultura; o afastamento de muitas igrejas cristãs das “verdades fundamentais” do cristianismo; o movimento ecumênico; o declínio do poderio bélico e econômico dos EUA; a decadência dos *family values* etc. Em 1970, a expectativa de Lindsey quan-

to ao futuro de seu país era bastante sombria. Compartilhando da perspectiva de vários fundamentalistas pré-milenaristas da época, Lindsey via a cultura norte-americana do final da década de 1960 como irremediavelmente corrupta (WOLJCIK, 1997, p. 45).

Para além da questão escatológica, a revista trazia para seus leitores uma série de valores e “bandeiras” que marcavam – e ainda marcam – o fundamentalismo norte-americano, entre eles o literalismo bíblico, o sionismo cristão e o anti-comunismo. É uma narrativa que considerava o mundo irreparável, sob o domínio do diabo e justificadamente destinado ao inferno. Para os fundamentalistas, “a questão da transformação do mundo sempre [...] pareceu um desvio perigoso. A sua ética é individual e não social. Ela indica as marcas do comportamento do crente, adequado à sua condição de salvo” (ALVES, 2005, p. 257). Dessa forma, uma retirada para a esfera privada era acoplada a uma escatologia supramundana que não almejava a transformação do mundo, mas sim sua destruição.

## Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- BLACKSTONE, William E. *Jesus is coming*. Nova York; Chicago: Fleming H. Revell Company, 1898.
- BOYER, Paul S. *When time shall be no more: prophecy belief in modern American culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- DIAMOND, Sara. *Spiritual warfare: the politics of the Christian Right*. Boston: South End Press, 1989.
- HARDING, Susan Friend. *The book of Jerry Falwell*. Princeton: Princeton University Press, 2000.
- HENDERSHOT, Heather. *Shaking the world for Jesus: media and conservative*

- evangelical culture. Chicago: University of Chicago Press, 2004.
- ISSERMAN, Maurice; KAZIN. America divided: the civil war of the 1960s. New York: Oxford University Press, 2000.
- LE GOFF, Jacques. Escatologia. In. Enciclopédia Einaudi: vol. I - memória - história. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, p. 425-457.
- LINDSEY, Hal; CARLSON, C. C. The late great planet Earth. Grand Rapids: Zondervan, 1970.
- LINDSEY, Hal. There's a new world coming: a prophetic odyssey. Santa Ana: Vision House Publishers, 1973.
- MARSDEN, George M. Religion and American culture. 2ª ed. Harcourt College Publishers, 2001.
- MARSDEN, George M. Fundamentalism and American Culture. 2ª ed. New York: Oxford University Press, 2006.
- MARTIN, William. With God on our side: the rise of the religious right in America. New York: Broadway Books, 1996.
- NORTH, Gary. Rapture fever: why dispensationalism is paralyzed? Tyler: Institute for Christian Economics, 1993.
- MOLTMANN, Jürgen. A vinda de Deus: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.
- SANDEEN, Ernest R. Toward a historical interpretation of the origins of fundamentalism. Church History, v. 36, n. 1, 1967, p. 66-83.
- SCOFIELD, Cyrus I. (Ed.). The Scofield Reference Bible. New York: Oxford University Press, 1967.
- SCHWARZ, Hans. Escatologia cristã. In: BRAATEN, Carl E., JENSON, Robert W. (Orgs.) Dogmática cristã. São Leopoldo: Sinodal, 1995, p. 473-588.
- SWEETNAM, Mark S. Hal Lindsey and the great dispensational mutation. Journal of Religion and Popular Culture, 23, (2), 2011, p. 217-235.
- TURNER, John G. Bill Bright and Campus Crusade for Christ: the renewal of evangelicalism in postwar America. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2008.
- WEBER, Timothy. Living in the shadow of the Second Coming: American premillennialism. New York: Oxford University Press, 1979.
- WEBER, Timothy. On the Road to Armageddon: How Evangelicals Became Israel's Best Friend. Baker Academic, 2004.
- WOLCJIK, Daniel. The end of the world as we know it: faith, fatalism and Apocalypse in America. New York: New York University Press, 1997.